

POPULISMO AGRÍCOLA NO PAMPA: AGRICULTORES, GLOBALIZAÇÃO E POLÍTICA NO RIO GRANDE DO SUL

Michael Woods¹

Aberystwyth University (Aber)
Aberystwyth, United Kingdom



Enviado em 30 jan. 2023 | Aceito em 27 maio 2024

Resumo: A eleição de Jair Bolsonaro no Brasil em 2018 baseou-se numa coligação eleitoral que ligava bairros urbanos ricos, periferias urbanas mais pobres e distritos agrícolas, mas não conseguiu conquistar as regiões rurais mais pobres. A análise tendeu a centrar-se nas dimensões urbanas desta geografia eleitoral. Este artigo aborda essa omissão examinando o caso de uma cidade agrícola no Rio Grande do Sul. Utilizando dados qualitativos para explorar como as mudanças e desafios sociais e económicos foram compreendidos e narrados, argumenta que uma combinação de factores históricos e contemporâneos criou condições nas quais os cidadãos locais votaram por pouco em Bolsonaro.

Palavras-chave: Populismo, Geografia Eleitoral, Rural, Agronegócio.

AGRICULTURAL POPULISM ON THE PAMPA: FARMERS, GLOBALIZATION, AND POLITICS IN RIO GRANDE DO SUL

Abstract: The election of Jair Bolsonaro in Brazil in 2018 drew on an electoral coalition linking affluent urban neighborhoods, poorer urban peripheries, and agricultural districts, while failing to win the poorest rural regions. Analysis has tended to focus on the urban dimensions of this electoral geography. This paper addresses this omission by examining the case of a farming town in Rio Grande do Sul. Using qualitative data to explore how social and economic changes and challenges were understood and narrating, it argues a combination of historical and contemporary factors created conditions in which local citizens narrowly voted for Bolsonaro.

Keywords: Populism, Electoral Geography, Rural, Agribusiness.

LE POPULISME AGRICOLE SUR LA PAMPA : AGRICULTEURS, GLOBALISATION ET POLITIQUE A RIO GRANDE DO SUL

Resumé: L'élection de Jair Bolsonaro au Brésil en 2018 s'est appuyée sur une coalition électorale reliant les quartiers urbains aisés, les périphéries urbaines plus pauvres et les districts agricoles, mais n'a pas réussi à conquérir les régions rurales les plus défavorisées. L'analyse s'est généralement concentrée sur les dimensions urbaines de cette géographie électorale. Cet article comble cette lacune en examinant le cas d'une ville agricole du Rio Grande do Sul. En utilisant des données qualitatives pour explorer la manière dont les changements et défis sociaux et économiques ont été compris et racontés, il soutient qu'une combinaison de facteurs historiques et contemporains a créé des conditions dans lesquelles les citoyens locaux ont voté de justesse pour Bolsonaro.

Mots-clés : Populisme, Géographie électorale, Rural, Agro-industrie.

Introdução

É uma sexta-feira à noite, quente e úmida, em março de 2018. Na pequena cidade de Dom Pedrito, no sul do Brasil, próxima à fronteira com o Uruguai, picapes e SUVs chegam ao rodeio, desembarcando agricultores que se cumprimentam alegremente. Dentro do local, as paredes estão decoradas com imagens e ícones da cultura gaúcha. Um homem em trajes tradicionais paira discretamente ao fundo, ao lado da churrascaria. Por ora, no entanto, a atenção está voltada para a frente do salão, onde os agricultores estão sentados em longas mesas, ouvindo atentamente o palestrante, um deputado federal do estado, que descreve a crise enfrentada pela agricultura. Quando a reunião é aberta para discussão, a convivialidade dá lugar à raiva e frustração, enquanto os agricultores compartilham suas dificuldades com eventos climáticos extremos, flutuações de preços e custos, ameaças de regulação e concorrência das importações. Criticando o acordo comercial do Mercosul, uma frase é repetida pelos produtores de arroz reunidos enquanto defendem o protecionismo: “Trump está certo”. Sete meses depois, os residentes de Dom Pedrito, como muitos em pequenas cidades por todo o Brasil, votaram para eleger Jair Bolsonaro como Presidente da República.

A eleição de Bolsonaro é frequentemente comparada à de Donald Trump nos Estados Unidos, ao referendo do Brexit no Reino Unido e ao crescimento de apoio a partidos populistas e de extrema-direita na Europa, como um dos vários eventos políticos disruptivos que marcaram uma guinada à direita nas democracias liberais na última década. Há semelhanças de estilo e retórica entre Bolsonaro, Trump e líderes europeus como Marine Le Pen e Viktor Orbán, mas também diferenças notáveis, incluindo uma adesão inabalável ao neoliberalismo, que contrasta com tendências ao intervencionismo e protecionismo em algumas plataformas populistas (algo notado pelos agricultores de Dom Pedrito). A posição de Bolsonaro foi caracterizada de várias formas: como incompletamente populista (FERES-JUNIOR ET AL., 2023; TAMAKI E FUKS, 2020), mais populista do que nacionalista (RICCI E VENTURELLI, 2023), primariamente autoritária (TANSCHKEIT, 2023) e desprovida do nativismo presente no populismo de direita europeu e norte-americano (RICCI E VENTURELLI, 2023).

A geografia eleitoral da vitória de Bolsonaro também diverge de padrões espaciais típicos de votação populista em outros lugares. Na Europa e nos Estados Unidos, o apoio a partidos e candidatos populistas e de extrema-direita tem sido associado a regiões “deixadas para trás”, frequentemente, embora não exclusivamente, distritos rurais periféricos, percebidos como marginalizados na economia global (ESSLETZBICHLER ET AL., 2018; MONNANT E BROWN, 2017; RODRIGUEZ-POSE, 2018; WUTHNOW, 2018). O discurso populista reformulou e armou uma consciência de longa data das disparidades rural-urbanas para opor pessoas rurais autenticamente nacionais a elites metropolitanas globalizadas. Assim, o populismo de direita tem sido identificado como contribuinte para o aumento da polarização rural-urbana. Contudo, na eleição presidencial brasileira de 2018, os estados mais pobres e “deixados para trás” do substancialmente rural Nordeste votaram decisivamente no opositor de esquerda de Bolsonaro, Fernando Haddad, enquanto Bolsonaro venceu em regiões prósperas do sul e centro do país.

Mais precisamente, Bolsonaro mobilizou uma coalizão que englobou eleitores urbanos de classe média alta em cidades como Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo; residentes periféricos de baixa renda nessas cidades; e eleitores rurais ligados ao próspero setor do agronegócio no Brasil (BAYARRI TOSCANO, 2022; LAYTON ET AL., 2021; RICHMOND, 2020; RICHMOND E MCKENNA, 2024; SILVA ET AL., 2021).

Assim, ao invés de refletir uma divisão rural-urbana, a geografia eleitoral do voto em Bolsonaro revela a diferenciação do campo brasileiro e duas trajetórias contrastantes das economias rurais: o Brasil rural do agronegócio, investimento internacional e produção orientada para exportação de soja e gado; e o Brasil rural dos trabalhadores rurais sem-terra, agricultura camponesa de pequena escala e comunidades indígenas. Esses dois Brasis rurais têm competido entre si no aparato de políticas do Estado brasileiro, sendo defendidos por políticos de direita e esquerda, respectivamente. A influência das elites do agronegócio na política conservadora é bem estabelecida (LAPPER, 2021; POMPEIA, 2024), mas isso, por si só, não explica o redirecionamento dos eleitores rurais em 2018, do centro-direita tradicional para a figura anteriormente periférica de Jair Bolsonaro.

Este artigo argumenta que a capacidade de Bolsonaro de mobilizar uma coalizão social e geograficamente diversa de eleitores foi possibilitada pela agregação de experiências cotidianas, locais e contextuais que levaram eleitores individuais a se tornarem receptivos ao apelo de Bolsonaro. A abordagem é informada pela análise de Thrift (1986) sobre as eleições gerais de 1945 no Reino Unido, na qual ele demonstra como mudanças na vida cotidiana das pessoas durante a Segunda Guerra Mundial e os modelos populares pelos quais suas localidades eram compreendidas levaram a uma acentuada guinada à esquerda no comportamento eleitoral. Este artigo propõe que a guinada à direita na política brasileira e em outros lugares nas décadas de 2010 e 2020 pode ser entendida de forma semelhante, explorando as experiências cotidianas em evolução das pessoas e como estas são filtradas pelo contexto local para se conectar com grandes questões e debates políticos.

Para ilustrar essa tese, o artigo realiza um estudo de caso em Dom Pedrito, uma cidade agrícola de cultivo de soja e arroz e criação de gado no bioma pampa, no Rio Grande do Sul, que, no segundo turno da eleição de 2018, votou por uma margem estreita em Jair Bolsonaro, com 51,46% contra 48,54%.

O Retorno do Populismo Rural

A percepção amplamente difundida de que o aumento do apoio a partidos e candidatos populistas e de extrema-direita representa uma revolta das populações rurais contra elites urbanas percebidas pode ser atribuída, em grande parte, à proeminência exagerada da política americana na mídia global e na análise acadêmica. A marca de populismo de Donald Trump foi cuidadosamente calibrada para explorar queixas rurais profundamente enraizadas sobre marginalização econômica e cultural percebida, bem como desconfiança em relação a um governo centrado nas áreas urbanas, como documentado por uma série de estudos etnográficos (ASHWOOD, 2018; CRAMER, 2016; HOCHSCHILD, 2016; WUTHNOW, 2018). Na eleição presidencial dos EUA em 2016, Trump obteve 63,25% dos votos em condados micropolitanos e não centrais (as duas categorias mais rurais na classificação rural-urbana dos EUA), em comparação com 46,09% nacionalmente. Em 2020, ele aumentou sua participação nos votos nesses condados para 65,09%, apesar de perder a eleição como um todo.

Tendências semelhantes podem ser observadas em alguns, mas não todos, países europeus. Na França, o partido de extrema-direita *Rassemblement National* obteve 41,25% dos votos em comunas com menos de 2.500 eleitores no primeiro turno das eleições parlamentares em junho de 2024, bem acima de sua votação nacional de 34,12%. Nos Países Baixos, a entrada no governo do *Partij voor de Vrijheid* (PVV) de Geert Wilders, após as eleições de novembro de 2023, foi auxiliada tanto pelo crescimento significativo de seus votos em municípios rurais quanto pelo aumento do apoio ao partido populista agrário Boer Burger Beweging (BBB), que se tornou parceiro de coalizão.

Áreas rurais também têm sido associadas ao apoio a partidos populistas e de extrema-direita na Áustria, Bélgica, República Tcheca, Dinamarca, Estônia, Finlândia, Hungria, Noruega, Polônia, Portugal, Suécia e Suíça. Fora da Europa, o *Bharatiya Janata Party* (BJP) na Índia e o *One Nation* na Austrália desenvolveram-se a partir de bases rurais ou periurbanas.

No entanto, é menos fácil discernir fatores estruturais comuns consistentes que expliquem a propensão de eleitores rurais a apoiarem partidos populistas e de extrema-direita nesses países. Mesmo nos Estados Unidos, Monnat e Brown (2017) concluíram que a eleição de Trump em 2016 não poderia ser atribuída a “uma nova ‘revolta rural’” (p. 234), mas refletia um “desespero localizado” mais variado, definido por vários indicadores econômicos, sociais e de saúde. Mais amplamente, estudos explicaram o apoio rural ao populismo de diversas maneiras, incluindo uma população demograficamente mais idosa, desindustrialização, reestruturação agrícola, esvaziamento de pequenas cidades, sentimentos anti-imigração, votação étnica, votação religiosa, nostalgia, ameaças percebidas à cultura rural, tendências libertárias e antiestatistas, e marginalização política percebida (por exemplo, BERLET E SUNSHINE, 2019; ESSLETZBICHLER ET AL., 2018; HOCHSCHILD, 2016; MAMONOVA E FRANQUESA, 2019; RODRIGUEZ-POSE, 2018; SHEA E JACOBS, 2023). A conexão mais comum é o enquadramento dessas preocupações díspares por meio da retórica populista, que venera culturas rurais como encarnações dos “verdadeiros” valores nacionais, semeia noções de injustiça e encoraja ressentimentos rurais contra elites metropolitanas.

Na Europa e na América do Norte, a ascensão do populismo no século XXI é apresentada como uma novidade com ecos históricos de uma forma anterior (e mais progressista) de populismo rural no início do século XX, mas que rompe principalmente com o longo domínio do liberalismo tecnocrático. Em contraste, o populismo tem sido uma força política persistente e poderosa na América do Sul durante grande parte dos últimos cem anos, seguindo suas próprias dinâmicas distintas (GRIGERA, 2017; MUDDE E KALTWASSER, 2012). O populismo de meados do século XX de Juan Perón na Argentina e Getúlio Vargas no Brasil era ideologicamente ambíguo, permitindo o apoio tanto de áreas rurais quanto urbanas. À medida que esses movimentos se fragmentaram em vertentes antagonistas de populismo de esquerda e de direita, o medo do populismo de esquerda ajudou a motivar golpes que deixaram grande parte do continente sob regimes militares. Após o retorno da democracia, líderes populistas de esquerda tiveram o maior impacto, notadamente Hugo Chávez na Venezuela, Evo Morales na Bolívia, e Néstor Kirchner e Cristina Fernández de Kirchner na Argentina; mas o populismo também foi adotado por políticos de direita, muitas vezes combinado com neoliberalismo e com um nacionalismo autoritário nostálgico que remonta à ordem dos regimes militares (HUNTER e VEGA, 2022).

Ricci et al. (2021) argumentam que o Brasil teve três presidentes populistas desde 1985, cada um ocupando uma posição ideológica diferente: o centro-direita Fernando Collor, o esquerdista Luiz Inácio Lula da Silva (Lula) e o extrema-direita Jair Bolsonaro. A política contrastante desses líderes se reflete em articulações distintas da lógica populista. Mandache (2024) sugere que o populismo de esquerda de Lula distinguia o povo e a elite em termos econômicos, enquanto o populismo de Bolsonaro se fundamentava em distinções morais e culturais. No entanto, o populismo de Lula também foi mesclado a um pragmatismo em que, como nota Andrade (2020), uma persona de campanha que alegava representar os interesses de grupos marginalizados “de baixo” foi combinada com um projeto político que nutria e protegia os interesses de atores privilegiados “de cima”. Essa “ambiguidade populista” permitiu que Lula formasse alianças com empresas que impulsionaram o crescimento econômico do Brasil e construísse uma coalizão eleitoral que transcendia divisões entre urbano e rural, próspero e em dificuldades. No entanto, Andrade argumenta que isso também abriu

caminho para regressões econômicas e políticas subsequentes, incluindo os desdobramentos dos escândalos de corrupção que envolveram os governos de Lula e sua sucessora, Dilma Rousseff, culminando no impeachment desta última em 2015.

Como observa Bayarri Toscano (2020), os escândalos de corrupção e o impeachment de Rousseff, junto com os protestos contra o Partido dos Trabalhadores (PT) em 2013, foram episódios importantes na construção da identidade de extrema-direita que se tornou o Bolsonarismo. No entanto, as mudanças na geografia eleitoral já haviam começado. Na vitória esmagadora de Lula na eleição de 2002, ele venceu em todos os estados, exceto um, mas, em 2006, sua base eleitoral moveu-se das regiões mais desenvolvidas do sul do Brasil para o mais pobre Nordeste (ZUCCO, 2008). O Nordeste, que tradicionalmente votava em candidatos conservadores antes de 2002, tornou-se um bastião do PT, em parte pelo reconhecimento do impacto dos programas sociais de Lula na redução da pobreza extrema rural na região, mas também refletindo a ressignificação da região no populismo de Lula como um "símbolo de uma certa identidade de classe e visibilidade para uma população que foi vítima do desenvolvimento desigual do colonialismo e da constante marginalização pelas elites brasileiras" (MANDACHE, 2024, p. 1894).

Assim, o populismo de esquerda, e não o de direita, conseguiu canalizar as injustiças das regiões "deixadas para trás" do Brasil, inclusive na eleição de 2018. Ao mesmo tempo, as regiões mais prósperas deslocaram-se para a direita. Richmond e McKenna (2023) relacionam essa trajetória nos bairros periféricos do Rio de Janeiro e de São Paulo a fatores como o aumento da violência, a influência de igrejas evangélicas, a queda da pobreza absoluta, a precariedade laboral e o enfraquecimento das organizações sociais, mas observam que esses fatores se combinaram em diferentes constelações em diferentes bairros. Dinâmicas igualmente diferenciadas provavelmente explicam a transição das localidades rurais para o voto em Bolsonaro.

A Geografia Eleitoral de Bolsonaro e o Agri-bolsonarismo

A geografia eleitoral da eleição presidencial brasileira de 2018 reflete o sucesso de Jair Bolsonaro em reconfigurar clivagens eleitorais tradicionais em uma nova coalizão. A marca de populismo de Bolsonaro, ou Bolsonarismo (BAYARRI TOSCANO, 2020), foi construída com base em linhas culturais e morais, e não econômicas, produzindo novas divisões em torno de gênero, raça e religião, mas também construindo uma aliança de apoio que atravessou classes e tipos de áreas geográficas (LAYTON ET AL., 2021; RENNÓ, 2020). A retórica de Bolsonaro aproveitou um discurso público de sentimentos de extrema-direita que vinha crescendo na década anterior em resposta a uma série de eventos, incluindo escândalos de corrupção, protestos anti-PT e o impeachment de Rousseff, promovendo posições linha-dura contra a corrupção e o crime violento (BAYARRI TOSCANO, 2020).

A análise do Estudo Eleitoral Brasileiro de 2018 indica que as atitudes em relação à corrupção e ao crime são os fatores mais importantes para explicar o apoio a Bolsonaro (RHODES-PURDY ET AL., 2023). Significativamente, Bayarri Toscano argumenta que a identidade de extrema-direita emergiu de forma "de baixo para cima", por meio das experiências e interações cotidianas das pessoas dentro da sociedade urbana de cidades como o Rio de Janeiro. Neste artigo, sugiro que um processo paralelo pode ser observado em pequenas cidades rurais, mas com fatores contribuintes distintos.

De fato, a coalizão de apoio de Bolsonaro envolveu cada um dos três blocos que passaram a sustentar a política conservadora no Brasil, coloquialmente conhecidos como "Boi, Bíblia e Bala"

(LAPPER, 2021). "Bala" refere-se a defensores do armamento e do policiamento, que Bolsonaro apelou com uma forte retórica anti-crime que ressoou tanto em distritos de alta quanto de baixa renda nas cidades do sul (RICHMOND e MCKENNA, 2024). "Bíblia" refere-se à influência das igrejas evangélicas, especialmente nas periferias urbanas, que Bolsonaro cortejou com posições socialmente conservadoras, incluindo retórica anti-LGBT (DE ALMEIDA, 2020; LAPPER, 2021). Por sua vez, "Boi" refere-se ao lobby do agronegócio e sua defesa de uma visão específica do Brasil rural.

O lobby do agronegócio, ou ruralistas, cresceu em influência com o boom liderado pela globalização no setor agrícola brasileiro. Seu braço parlamentar, a Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), ou bancada do boi, expandiu-se de 192 deputados e 11 senadores em 2010 para 243 deputados e 37 senadores em 2018 (LAPPER, 2021). Os pecuaristas que ela representa, assim como os grandes produtores de soja e cereais com visões semelhantes, concentram-se principalmente no Sul e Centro-Oeste do Brasil. A economia rural dessas regiões contrasta com a do reduto de esquerda do rural nordestino. Enquanto esta última é caracterizada pelo subdesenvolvimento moldado pelo legado das plantações coloniais, que extraíram riqueza com pouco investimento em infraestrutura, e pela presença contínua de uma produção frutífera intensiva em mão de obra (MANDACHE, 2024), no sul do Brasil a economia rural foi organizada em torno de fazendeiros colonos de médio e grande porte.

Esse modelo foi estendido ao Centro-Oeste em um programa quase colonial iniciado sob o regime militar e continuado por governos subsequentes, incluindo as administrações Lula e Rousseff. Com agricultores do sul e trabalhadores do nordeste, milhões de hectares de cerrado e floresta foram transformados em pastagens para gado e campos de trigo, milho e soja. Novas cidades e vilas foram estabelecidas (IORIS, 2018), adotando uma nova forma urbana, a das "cidades do agronegócio", em que a economia é orientada para atender o hinterland rural (PEQUENO e ELIAS, 2015). Ao mesmo tempo, cidades agrícolas tradicionais no Sul também passaram por uma transição para cidades do agronegócio à medida que a presença corporativa na agricultura cresceu (WOODS, 2022).

A expansão do agronegócio brasileiro tem sido impulsionada pela demanda dos mercados globais e, em parte, financiada por investimentos de capital internacional, incluindo da China (OLIVEIRA, 2018). Embora a pecuária seja o setor politicamente mais emblemático, a principal commodity no último quarto de século tem sido a soja, na qual o Brasil se tornou o maior exportador mundial, representando mais de um terço da produção global. A área de cultivo de soja aumentou de 13,6 milhões de hectares em 2000 para 37,2 milhões de hectares em 2020, alcançada por meio da expansão em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Rondônia e Tocantins, bem como pela intensificação em áreas tradicionais de cultivo de soja no Sudeste (MEDINA e DOS SANTOS, 2017).

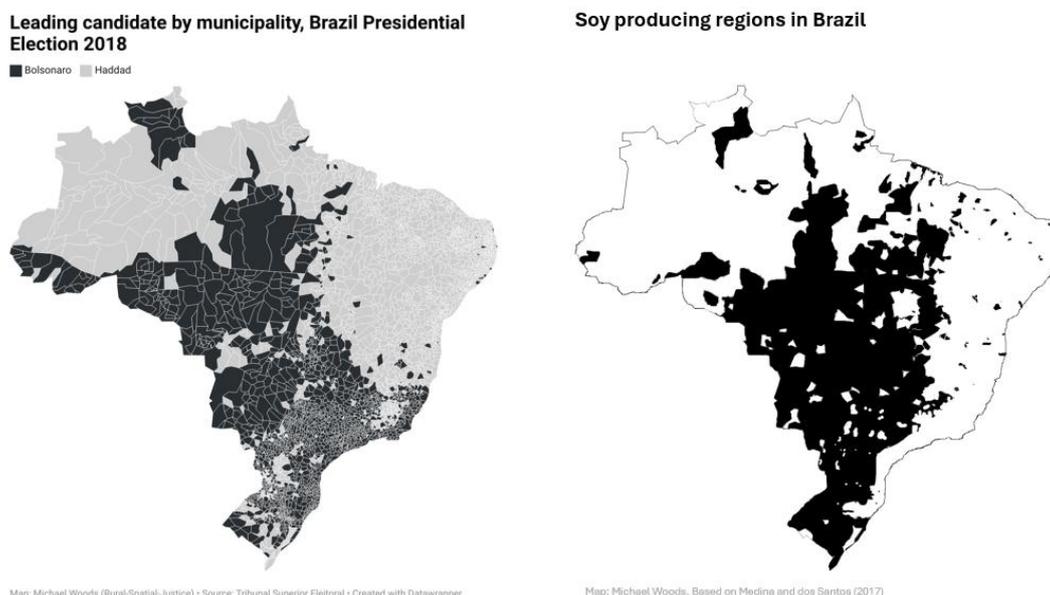
A geografia eleitoral do apoio a Bolsonaro, curiosamente, segue de perto os contornos da produção de soja, pelo menos longe da faixa costeira urbanizada do Sudeste. Os municípios vencidos por Bolsonaro no segundo turno em 2018 se estendem dos distritos tradicionais de cultivo de soja no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, até áreas de expansão mais recente em Mato Grosso, Rondônia e Tocantins, e adentram o Pará principalmente ao longo de um corredor central de cultivo de soja (Figura 1). Municípios individuais vencidos por Bolsonaro mais ao norte, no Acre, Amapá e Roraima, também tendem a corresponder a bolsões de produção de soja, enquanto há muito pouco cultivo de soja no Amazonas, leste da Bahia, norte do Pará e nos estados nordestinos vencidos por Haddad. Bolsonaro também teve um desempenho forte nas cidades do agronegócio, registrando mais de 70% dos votos em várias dessas cidades em Mato Grosso e São Paulo (Tabela 1).

De fato, em 2018, Bolsonaro venceu em 87 dos 100 municípios com os maiores PIBs do agronegócio. Embora esse apoio refletisse percepções de suas posições pró-negócios e pró-desenvolvimento, ele também misturava preocupações nacionalistas com a influência estrangeira na agricultura brasileira, com Urdinez (2023) identificando um aumento nos votos para Bolsonaro em distritos com altos níveis de investimento chinês.

Tabela 1 - Votos para Jair Bolsonaro em cidades selecionadas do agronegócio na eleição presidencial de 2018 (lista de cidades do agronegócio de acordo com Elias)

Cidade	Estado	1º turno (%)	2º turno (%)
Sinop	MT	70.72	77.38
Nova Motum	MT	71.32	76.89
Lucas do Rio Verde	MT	70.56	75.56
Sorriso	MT	71.23	75.48
Ribeirão Preto	SP	58.32	72.27
Dourados	MS	57.61	68.18
Rio Verde	GO	60.08	67.14
Chapecó	SC	56.16	64.47
Passo Fundo	RS	54.79	64.29
Uberlândia	MG	53.49	63.03
Luis Eduardo Magalhães	BA	54.55	58.80
Balsas	MA	40.12	44.88
Petrolina	PE	30.23	31.97
Uruçuí	PI	23.72	29.60

Figura 1 - Comparação entre os municípios vencidos por Bolsonaro e Haddad no segundo turno da eleição presidencial de 2018 (à esquerda) e as áreas de produção de soja no Brasil (à direita).



O campo não era uma base eleitoral natural para Bolsonaro, cuja base como deputado federal havia sido nos subúrbios ricos do Rio de Janeiro (SILVA ET AL., 2022). No entanto, ele conseguiu se conectar com uma militância em ascensão entre certos grupos de agricultores, que se cruzava com elementos da identidade de extrema-direita. Como documenta Pompeia (2024), grupos militantes de agricultores, incluindo a Frente Produtiva do Brasil (FPB) e a União Democrática Ruralista (UDR),

mobilizaram-se na década de 2010, desafiando a primazia da confederação agrícola estabelecida, a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).

Os grupos militantes foram motivados pela queda nos preços da carne bovina, disputas com frigoríficos e oposição às ocupações de terras por grupos indígenas e movimentos sociais agrários. Crucialmente, eles também abraçaram um nacionalismo explícito e atacaram a corrupção governamental. Tradicionalmente, os agricultores que representavam alinhavam-se com o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), de centro-direita, mas esse apoio se fragmentou à medida que o PSDB foi implicado em acusações de corrupção após 2014.

Bolsonaro buscou explorar o descontentamento dos agricultores com o PSDB, participando de eventos de agricultores e construindo conexões com ativistas, incluindo, notavelmente, o líder da UDR, Nabhan Garcia. Por meio dessas interações, Bolsonaro forjou um movimento político-econômico rotulado por Pompeia como "agri-bolsonarismo":

Reconhecendo que as clivagens entre os atores do agronegócio poderiam ser aproveitadas em seu favor, os discursos de campanha de Bolsonaro destacaram questões que particularmente (embora não exclusivamente) apelavam a grupos politicamente e economicamente subordinados de empregadores agrícolas. Ele prometeu cancelar as dívidas do Funrural, reduzir os impostos sobre a agricultura e enfraquecer a fiscalização regulatória ambiental... Seus discursos também continham posturas extremistas anti-esquerda... e promessas de defender a família e outros valores conservadores. Isso era exatamente o que muitos agricultores queriam ouvir. (POMPEIA, 2024, p. 6).

No governo, Bolsonaro implementou políticas defendidas por seus aliados agricultores, notadamente o enfraquecimento de regulamentações e controles ambientais, o que provocou um aumento no desmatamento, na limpeza de terras e no deslocamento de comunidades indígenas e camponesas (VELTMEYER, 2023), acompanhado por uma defesa veemente dos interesses do agronegócio que frequentemente evocava retórica autoritária e nacionalista (MENDES MOTTA e HAUBER, 2023). Além disso, o governo de Bolsonaro trabalhou para avançar a visão do lobby do agronegócio sobre o Brasil rural e abrir espaço para sua implementação, desmontando políticas e programas voltados ao desenvolvimento rural participativo, sistemas agroalimentares alternativos e apoio a agricultores familiares, trabalhadores sem-terra e comunidades indígenas e quilombolas (BORSATTO et al., 2022).

Embora a análise geográfica da eleição de 2018 tenha tendido a se concentrar nas áreas urbanas, os distritos agrícolas no Sul e Centro-Oeste do Brasil também foram uma parte importante da coalizão eleitoral de Bolsonaro. Trabalhos como o de Pompeia (2024) começaram a explorar as dinâmicas do apoio dos agricultores a Bolsonaro; no entanto, embora documentem os vínculos com ativistas ruralistas militantes e registrem o envolvimento de Bolsonaro com questões controversas na fronteira agrícola, eles não conseguem explicar de forma convincente seu apelo aos eleitores rurais tradicionais em distritos agrícolas estabelecidos no sudeste. É essa relação que será explorada no restante deste artigo.

Metodologia

O campo da geografia eleitoral é notoriamente vinculado a técnicas quantitativas e resistente a tentativas de introduzir perspectivas mais qualitativas. Assim, a análise quantitativa tem dominado o envolvimento da geografia eleitoral com políticas disruptivas na última década, com pesquisas investigando relações entre comportamento eleitoral e diversos indicadores socioeconômicos, frequentemente usados como *proxies* para identificar regiões "deixadas para trás". No entanto, tais

análises frequentemente enfrentam dificuldades para demonstrar correlações claras entre ruralidade e apoio a partidos e candidatos disruptivos, em parte devido à falta de dados em escalas apropriadas e em parte devido à irreduzibilidade da “ruralidade” a uma definição estatística. Consequentemente, análises de geografia eleitoral às vezes minimizam a relevância de áreas rurais como fontes de apoio ao populismo ou à extrema-direita.

Ao mesmo tempo, estudos etnográficos conduzidos por antropólogos e sociólogos têm demonstrado que as opiniões políticas são moldadas pelas experiências cotidianas das pessoas e pelas interações sociais no lugar onde vivem, e que a identidade rural é uma influência importante na forma como as pessoas interpretam mudanças ao seu redor e como isso se traduz em apoio a candidatos populistas e de extrema-direita (ASHWOOD, 2018; CRAMER, 2016; HOCHSCHILD, 2016; WUTHNOW, 2018).

O paradoxo exposto aqui está enraizado em um debate de longa data na geografia humana sobre a relevância explicativa relativa de estrutura e agência. Entre outras obras, esse debate foi abordado em ensaios de Nigel Thrift, um dos quais examinou a eleição geral de 1945 no Reino Unido para explorar como as pessoas, enquanto agentes, constroem a si mesmas e seu comportamento por meio da interação com os outros (THRIFT, 1986). Thrift propôs que as pessoas interpretam mudanças estruturais por meio de narrativas e que o ato de narrar (e ouvir) em contextos específicos influencia os outros e leva a resultados coletivos. Ele aplicou essa tese à marcante eleição de 1945 no Reino Unido, na qual o líder de guerra Winston Churchill foi inesperadamente derrotado e substituído pelo primeiro governo trabalhista com maioria parlamentar, que consolidou o Estado de bem-estar social britânico, estabeleceu o Serviço Nacional de Saúde e nacionalizou indústrias-chave. Referindo-se a relatos contemporâneos, Thrift argumenta que a guinada à esquerda foi possibilitada pelas formas como as pessoas interpretaram e narraram as mudanças sociais vivenciadas durante a guerra, não apenas a guerra em si, mas também o pleno emprego, aumentos salariais, intervenção estatal e novos papéis para as mulheres. Narrativas sobre essas mudanças levaram as pessoas a reavaliar como se viam, seus modelos populares do mundo, suas expectativas do estado e, consequentemente, suas perspectivas políticas.

Neste artigo, sugiro que as políticas disruptivas do século XXI representam uma mudança política sísmica semelhante, originada das reflexões das pessoas sobre uma variedade de mudanças sociais, incluindo globalização, reestruturação econômica, imigração, inovações tecnológicas, novas normas culturais, identidades de gênero em evolução, entre outras. As pessoas vivenciam e interpretam tais mudanças em contextos locais, traduzindo experiências individuais em narrativas coletivas ao recorrer a identidades como a ruralidade e ao fazer comparações com outros lugares. Nesse processo, podem reavaliar seus valores, prioridades e alianças políticas convencionais, buscando conexão com políticos cuja narrativa de mudança ressoe com as suas próprias.

Como um estudo histórico, Thrift baseou-se em fontes arquivísticas. Ao tentar aplicar essa abordagem a um estudo de caso contemporâneo, este artigo utiliza dados coletados por meio de entrevistas e observação etnográfica. O estudo de caso, de Dom Pedrito no Rio Grande do Sul, e os métodos de coleta de dados não foram especificamente projetados para estudar a eleição de Bolsonaro, mas faziam parte de um projeto anterior sobre globalização e localidades rurais. Dom Pedrito foi selecionada como estudo de caso para investigar o impacto do agronegócio transnacional e a inserção em cadeias globais de commodities.

Os dados foram coletados por meio de trabalho de campo intensivo ao longo de uma semana em março de 2018, período durante o qual 18 entrevistas foram realizadas com agricultores, políticos locais, consultores agrícolas, gerentes de agronegócio, líderes sindicais, professores do campus

universitário da cidade, um historiador local e um jornalista. A equipe de pesquisa era composta pelo autor, um pesquisador pós-doutoral baseado no Reino Unido e dois assistentes de pesquisa de pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que eram locais da região. As entrevistas foram conduzidas em português, gravadas, transcritas e traduzidas para análise, a qual envolveu codificação manual com códigos éticos pré-determinados e códigos emergentes dos textos transcritos. As entrevistas foram complementadas por observação etnográfica, mapeamento de campo, coleta de informações no museu da cidade e posterior compilação de dados adicionais de fontes online, incluindo arquivos de jornais e bancos de dados estatísticos.

A política não fazia parte do cronograma original de entrevistas ou do quadro de codificação, mas foi adotada como um código êmico à medida que os entrevistados frequentemente apresentavam espontaneamente opiniões e reflexões políticas, e conforme as dimensões políticas da agricultura em Dom Pedrito se tornaram aparentes para nós a partir de nossas observações na reunião de agricultores. Assim, as transcrições das entrevistas foram revisitadas para um novo projeto de pesquisa sobre descontentamento rural, justiça espacial e apoio a políticas disruptivas, e dados adicionais foram obtidos a partir de arquivos de jornais e do acervo do Tribunal Superior Eleitoral sobre resultados eleitorais. Para fornecer contexto, os dados eleitorais obtidos do Tribunal Superior Eleitoral foram analisados para regiões rurais em âmbito nacional, incluindo os resultados das cidades do agronegócio apresentados na seção anterior.

Estudo de Caso: Dom Pedrito, Rio Grande do Sul

O município de Dom Pedrito ocupa um território de 5.192 km² no sul do Rio Grande do Sul, próximo à fronteira com o Uruguai, com uma população de 38.339 pessoas em 2020. A paisagem natural ondulada de campos nativos faz parte do bioma pampa, mas foi modificada pela agricultura e pela pecuária. O distrito foi colonizado no início do século XIX, com grandes extensões de terra concedidas a veteranos militares como uma estratégia de defesa. A pecuária de bovinos e ovinos produzia carne e lã, sendo esta última exportada para a Europa, proporcionando rendas significativas aos proprietários de terras. A cidade de Dom Pedrito desenvolveu-se como um centro de serviços para o hinterland agrícola, e sua prosperidade no início e em meados do século XX é marcada por sua coleção de edifícios art déco, incluindo a Casa Rural na praça principal, adornada por relevos de bronze de bovinos.

Durante esse período, Dom Pedrito fazia parte da base política de Getúlio Vargas no Rio Grande do Sul, presidente do Brasil de 1930 a 1945 e de 1951 a 1954, cujo populismo paternalista combinava modernização rural com uma acomodação estratégica com grandes proprietários rurais (WELCH, 2016). Vargas é homenageado em Dom Pedrito por meio de um monumento na praça principal, e tanto um bairro quanto uma escola levam seu nome.

As condições econômicas do distrito declinaram quando o mercado global de lã colapsou na década de 1970 devido à concorrência das fibras sintéticas. A maioria das fazendas permaneceu sob propriedade de grandes latifundiários, mas foi subdividida e arrendada a agricultores arrendatários, tipicamente de origem italiana ou alemã, que migraram do centro do Rio Grande do Sul. Os novos arrendatários introduziram a agricultura arável, plantando arroz e soja. Essas culturas são comumente plantadas em rotação, utilizando as propriedades fixadoras de nitrogênio da soja para preparar o solo para o arroz, mas, desde o início do século, a soja tornou-se a commodity mais valorizada, com seu valor inflacionado pela demanda da China, sendo cada vez mais cultivada isoladamente.

A área de terra plantada com soja no município expandiu-se de 20.000 hectares em 2002-3 para 100.000 hectares em 2017-18, principalmente à custa de pastagens para gado e ovinos, que diminuíram de 117.000 hectares para 55.000 hectares no mesmo período (dados fornecidos pela EMATER).

O desenvolvimento do cultivo de arroz e soja sustentou a transformação de Dom Pedrito em uma cidade do agronegócio, com uma abundância de empresas na periferia da cidade vendendo sementes e equipamentos e fornecendo serviços agrícolas:

Então, de março a meados de maio, a economia da cidade se baseia na colheita, aumentando o movimento nos postos de gasolina, borracharias, empregos no campo; os produtores levam funcionários para colher, nessa época. As indústrias contratam mais pessoas para selecionar, limpar o produto para armazenamento, para ajudar. Há uma empresa ali que contrata cem funcionários agora, nesta época, para trabalhar terceirizados dentro da indústria. (Jornalista, entrevista DP6)

O PIB per capita estimado para o município, ajustado pela inflação, aumentou 192% entre 2000 e 2015 (em comparação com um aumento de 52% no PIB per capita nacional ajustado pela inflação) (DEEP ASK, 2015), e Dom Pedrito estava entre os 100 principais municípios em PIB do agronegócio em 2023, com 1.336.694 reais (EXAME, 2023). A cidade adquiriu um campus da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), especializado em cursos de agronegócio, e, para muitos moradores, sua crescente prosperidade foi simbolizada pela chegada de um supermercado Walmart em 2018.

No entanto, os benefícios do desenvolvimento do agronegócio não foram distribuídos de forma uniforme. O arroz e a soja, por exemplo, fazem parte de cadeias de commodities muito diferentes. O arroz é processado localmente na cidade e vendido para os mercados domésticos brasileiros. A soja, por outro lado, é transportada em estado bruto das fazendas para o porto de Rio Grande e exportada para a China sem processamento, agregando pouco valor à economia local além dos rendimentos dos prestadores de serviços do agronegócio:

O produto, após a colheita, gera renda para outra pessoa, que é o caminhoneiro que o transporta, porque não há processamento [aqui]. A produção em si gera algum trabalho, mas não muito. (Consultor agrícola, entrevista DP1b)

A transição da pecuária para a agricultura arável e a adoção de novas tecnologias também reduziram substancialmente a força de trabalho empregada e residente nas fazendas, promovendo uma urbanização local que fez a cidade se expandir, passando a concentrar mais de 90% da população do município. O despovoamento das zonas mais afastadas, por sua vez, comprometeu a viabilidade de serviços, com um controverso programa de fechamento de escolas rurais em andamento em 2018. Alguns ex-trabalhadores rurais encontraram emprego nas fábricas de processamento de arroz ou com empreiteiros agrícolas, mas muitos não, e o desemprego é alto. A contração da pecuária também teve implicações na cadeia de suprimentos, com o fechamento do matadouro da cidade em 2015, resultando na perda de 70 empregos. Um terço da população vive com uma renda mensal inferior à metade do salário-mínimo (TROJAHN, 2020).

A estratificação social se reflete na política de Dom Pedrito, com reservas de apoio tanto à direita quanto à esquerda. O município oscilou nas votações nas eleições presidenciais, apoiando candidatos de centro-direita em 1994, 1998 e 2006, mas Lula em 2002 e Rousseff em 2010 e 2014 (Figura 1). No entanto, o Partido dos Trabalhadores (PT) teve uma presença limitada na política local em Dom Pedrito, que desde 2000 tem sido dominada pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e pelo Partido Progressista (PP) (Figura 2).

Um pequeno partido de direita, o PP não é "progressista" no sentido usado pela esquerda norte-americana, mas faz referência a um conceito mais antigo de "progresso" associado à modernização, civilização e à conquista do deserto. Esse sentido de "progresso" é central à visão de mundo colonialista dos colonos, validando a ocupação e o "aprimoramento" da terra por meio da agricultura (uma localidade no município de Dom Pedrito é chamada "Progresso"). Em Dom Pedrito, o Partido Progressista está intimamente aliado ao setor agrícola, com um destacado fazendeiro e proprietário de agronegócio, por exemplo, engajado em ativismo tanto no PP nacional quanto em associações nacionais de agricultores, antes de se desiludir com a corrupção política:

Entrei na política, na política partidária. Fui candidato a prefeito, perdi. Fui vice-prefeito e entrei na política do [setor agrícola]. Fui presidente do Sindicato Rural, fui presidente da Associação Nacional de Criadores, fui presidente da Associação Brasileira de Corriedale, fui presidente da Associação Brasileira de Criadores de Animais. Fui presidente da [Associação Brasileira de Criadores de] Angus, ainda sou. Fiz uma vida paralela na política do setor e na política partidária. Gostava muito da política partidária [mas] só tinha ladrões, eu não sou ladrão. Então, como não consigo conviver com essa corrupção, me afastei da política partidária e continuei apenas na política setorial. (Fazendeiro e político, entrevista DP15).

Figura 3 - Votos no município de Dom Pedrito por partidos no primeiro turno das eleições presidenciais, 1994-2018 Dados de: www.tre-rs.jus.br/eleicoes/resultados-das-eleicoes

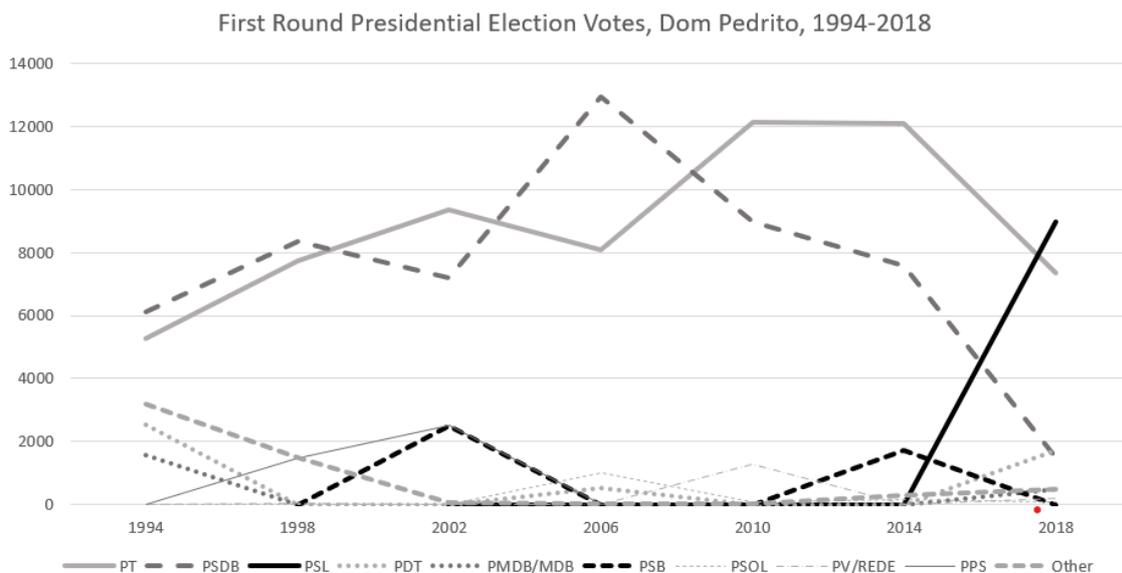
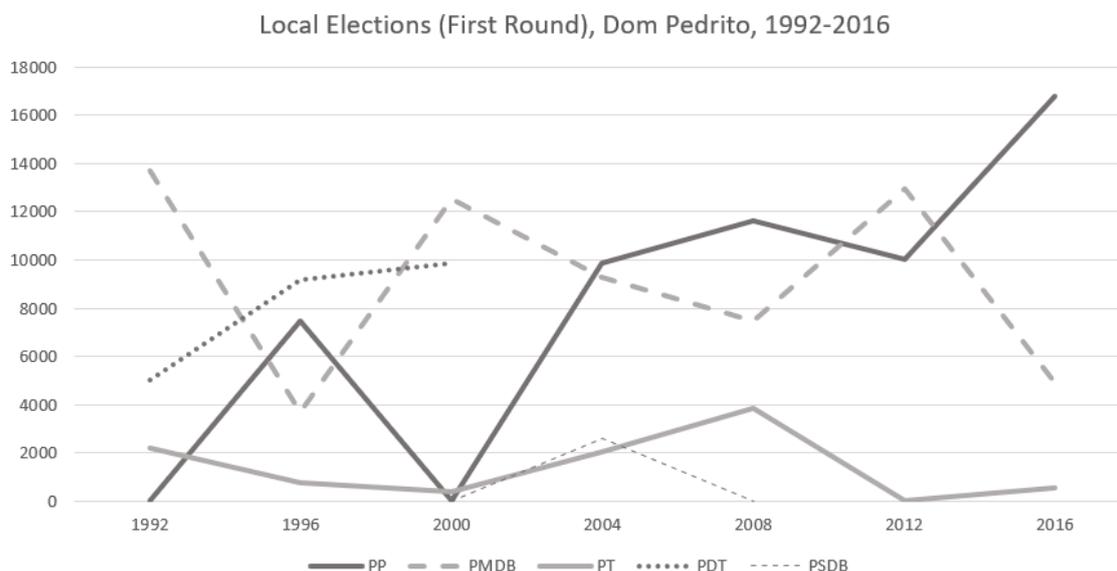


Figura 4 - Votos por partidos nas eleições locais no município de Dom Pedrito, 1992-2016. Dados: www.tre-rs.jus.br/eleicoes/resultados-das-eleicoes



Nacionalmente, o PP apoiou os governos de Lula e Rousseff antes de desertar e apoiar o impeachment de Rousseff, mas seus líderes estavam fortemente implicados no escândalo da Petrobras, causando um corte entre o partido nacional e o partido no Rio Grande do Sul. Foi também o partido que Jair Bolsonaro representou na Câmara dos Deputados de 1993 a 2003 e de 2005 a 2014.

Em Dom Pedrito, o PP ocupou a prefeitura de 2004 a 2012 e retomou o cargo em 2016 com um candidato de 25 anos. Suas políticas e posicionamentos no governo local tendiam a apoiar os interesses do agronegócio e da comunidade agrícola. Em contraste, a administração liderada pelo MDB entre 2012 e 2016 adotou uma posição mais crítica em relação ao agronegócio. O secretário municipal de agricultura, um dirigente sindical, usou, em particular, o cargo para promover sua campanha de longa data contra os agrotóxicos, destacando a poluição da água causada pelo escoamento químico e culpando a pulverização aérea de agrotóxicos pela alta incidência local de câncer. A administração também introduziu ações para apoiar pequenos agricultores familiares, pecuaristas familiares, que estavam sendo pressionados a abandonar suas terras pelo agronegócio, incluindo o estabelecimento de uma feira semanal de agricultores.

A história política e econômica de Dom Pedrito, portanto, contém várias características que ajudaram a criar uma cultura receptiva ao voto em um populista de extrema direita como Jair Bolsonaro: a centralidade da agricultura e de um crescente setor do agronegócio, a prosperidade relativa da classe média, a veneração cotidiana de um populista autoritário, a política local debatida em torno de regulações agroambientais e a familiaridade com o voto em um pequeno partido de direita. No entanto, a mudança real dos moradores para votar em Bolsonaro foi condicionada pelos desafios enfrentados pelo setor agrícola em 2018 e pela forma como esses desafios foram interpretados e narrados dentro da comunidade.

Três principais preocupações mobilizaram os agricultores de Dom Pedrito no início de 2018. Primeiramente, os padrões climáticos haviam mudado. As condições do solo em Dom Pedrito são marginais para o cultivo de soja, mas a rápida expansão do cultivo foi auxiliada por uma sequência de anos excepcionalmente úmidos desde 2008. Agora, a seca havia retornado, reduzindo a produtividade, e como muitos agricultores tinham acordos de crédito com empresas do agronegócio que eram pagos com uma parte da colheita, rendimentos menores significavam rendas menores e potencialmente maior endividamento.

Em segundo lugar, os preços tanto do arroz quanto da soja eram voláteis. Os agricultores reconheciam a vulnerabilidade geopolítica das exportações de soja e que o mercado na China, que absorveu 88% da safra de soja de Dom Pedrito em 2018 (TRASE, 2020), poderia estar atingindo a saturação. Convencionalmente, a volatilidade dos mercados de exportação de soja seria compensada pela estabilidade do mercado doméstico de arroz no Brasil. No entanto, sob a adesão do Brasil ao Mercosul, o mercado foi aberto para importações de outros estados-membros. Os produtores de arroz identificaram as importações de arroz do Paraguai como responsáveis por reduzir os preços domésticos. Vários agricultores estavam investindo em silos para armazenar o arroz na fazenda até que os preços melhorassem.

Por fim, os agricultores estavam frustrados com as regulamentações ambientais, incluindo os requisitos do Cadastro Ambiental Rural, que exigem a reserva de 20% da terra para a natureza, o que eles consideravam intrusivo e prejudicial à produtividade:

[A terra] aqui nunca teve árvores, nunca teve mato, [mas] agora vou tirar 20% da minha fazenda para plantar mato? Como vou fazer isso? Se nunca teve isso aqui? ... Isso é um problema muito sério, vai faltar comida. (Fazendeiro, entrevista DP11).

A legislação ambiental cria muita insegurança, muita insegurança, e outra coisa [...] O que eu tenho lá fora, eu sofro fiscalização. Não posso ter um balde de óleo aqui, tenho que armazenar os filtros dos tratores, e acho que isso está certo. No lugar ali na esquina, o cara não faz isso. Ele lava o carro, o óleo vai com a água, vai direto para o rio. E [...] eu tenho que fazer a coisa certa. (Fazendeiro, entrevista DP13).

Na semana do nosso trabalho de campo, em março de 2018, um jornal local, *Folha da Cidade*, publicou uma capa com foto declarando: "Crise financeira e clima comprometem a produção agrícola". Um artigo de página inteira, escrito pelo presidente da Associação Rural de Dom Pedrito, reiterava essas mesmas preocupações com a vulnerabilidade dos preços, o aumento dos custos, o endividamento das fazendas e a seca, combinando-se para gerar uma crise no setor agrícola. A matéria foi programada para coincidir com uma reunião também organizada pela Associação Rural, que representava os agricultores aráveis e cujo trabalho havia se tornado mais politizado devido "ao momento do agronegócio, um tempo de aumento das dívidas, tributação – então eles estão tentando trabalhar para reduzir isso, é mais uma questão política do que técnica" (Fazendeiro, entrevista DP 12a).

O palestrante convidado na reunião foi Jerônimo Goergen, deputado federal pelo Partido Progressista (PP) do Rio Grande do Sul e membro destacado da bancada ruralista. Mais tarde, Goergen desempenharia um papel fundamental na decisão do PP do Rio Grande do Sul de romper com a aliança conservadora tradicional e apoiar Bolsonaro no segundo turno da eleição presidencial de 2018, sendo posteriormente cogitado como possível candidato a Ministro da Agricultura no governo Bolsonaro. Sua apresentação na reunião abordou sua autodeclarada "Comissão Externa sobre Dívidas no Setor Agrícola" e, embora não tenha falado oficialmente por Bolsonaro naquela noite, seus comentários refletiam a retórica do agri-bolsonarismo identificada por Pompeia\ (2024),

atacando o governo brasileiro por não apoiar os agricultores em tempos de seca, criticando regulamentações ambientais e acordos comerciais, e defendendo alívio para as dívidas agrícolas. Essa postura, uma mistura de excepcionalismo agrícola e nacionalismo brasileiro, foi ecoada pelas perguntas e comentários do público.

Igualmente importante, os agricultores de Dom Pedrito posicionaram sua crise setorial dentro de um contexto mais amplo de uma percepção de mal-estar na política brasileira. Eles compartilhavam a frustração cansada de muitos cidadãos brasileiros com a corrupção e o desencanto com a classe política tradicional, mas também canalizavam esse descontentamento de forma mais específica em queixas de que o governo brasileiro não fazia nada para ajudar sua situação:

Porque o governo não está interessado em subsidiar nada, é quase tudo importado. Os fungicidas e inseticidas são todos importados, a maior parte do fertilizante é importada [...] Então o custo é caro. (Fazendeiro, entrevista DP11).

[Tenho] certeza de que vamos superar as dificuldades, até porque acho que superamos a dificuldade trabalhando e mudando. Se esperarmos pelo governo, vamos morrer em um museu. (Fazendeiro e político, entrevista DP15).

Eu diria que o desafio do agricultor é um desafio nacional, não é apenas de Dom Pedrito, certo? É sobreviver em um país que não valoriza a agricultura. Estamos literalmente abandonados no campo e sendo explorados por este governo que não valoriza nada do que realmente representamos, que é a vocação para produzir alimentos, sustentar nosso país, gerar divisas, crédito para exportação e gerar riqueza no país. (Líder da Associação Rural, entrevista DP16).

Tais sentimentos contribuíram para uma sensação generalizada da necessidade de mudança, ocasionalmente reforçada pelo otimismo de que novos líderes políticos poderiam trazer melhorias para sua situação:

Para coroar tudo isso, temos um governo corrupto. Tiramos um presidente e colocamos outro pior no lugar, eu acho [...] É a mesma coisa, é muito grave, tem muita gente roubando [...] E aí o nosso povo [é] complacente, pacífico, aceitando. Quando reclamam, é só [que o governo está] fazendo bagunça, [eles não têm] uma reclamação mais consistente e vamos a cada eleição reelegendo os mesmos, sem perceber que, se continuarmos fazendo a mesma coisa que fazemos hoje, colheremos os mesmos resultados amanhã. Tem que mudar, não posso votar em ninguém para reeleição, ninguém, muda alguma coisa. Aí, quando você vê quem são os candidatos à presidência, isso me assusta mais, você não consegue entender. (Fazendeiro e político, entrevista DP15).

Eu sou otimista, acho que as coisas vão melhorar e que vamos superar essas dificuldades e, se Deus quiser, vamos eleger um novo Congresso. Novo Congresso, tudo novo, Presidente da República. Não sei te dizer, mas se escolhermos um novo Congresso o Presidente vai ter que entrar na linha. Se for um Congresso sério ele não vai comprar ninguém, essa é a nossa esperança. (Fazendeiro e político, entrevista DP15).

Ninguém mencionou Bolsonaro nas entrevistas realizadas em Dom Pedrito em março de 2018. Na época, ele ainda era um outsider na corrida presidencial. No entanto, as histórias que agricultores e outros moradores de Dom Pedrito contaram sobre os desafios enfrentados pelo setor agrícola, seus medos em relação ao futuro e sua desilusão com o governo já os estavam levando a reavaliar suas alianças políticas e a buscar algo diferente. Além disso, como a reunião com Jerônimo Goergen deixou evidente, as narrativas dos agricultores aparentemente ressoavam com as narrativas defendidas por figuras da direita populista no que viria a se consolidar como agri-bolsonarismo, da mesma forma que a retórica nacionalista, anti-crime e anti-corrupção de Bolsonaro ressoava com discursos ascendentes nas cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo.

No primeiro turno da eleição presidencial, em 7 de outubro de 2018, 8.983 moradores de Dom Pedrito votaram em Bolsonaro, dando-lhe 43,2% dos votos, um pouco abaixo da média nacional. No segundo turno, ele obteve 10.132 votos, ou 51,5%, uma liderança estreita.

Nas eleições, lideranças locais estreitas se acumulam em vitórias nacionais, mas a margem apertada indica que Dom Pedrito não era um reduto bolsonarista. As posições militantes antiambientais e pró-desenvolvimento que ajudaram Bolsonaro a acumular votos em cidades do agronegócio e na fronteira agrícola não tiveram a mesma relevância em Dom Pedrito. Os interesses dos agricultores de Dom Pedrito não eram inteiramente os mesmos daqueles no Centro-Oeste, interessados em desmatamento ou em conflito com grupos indígenas ou movimentos sociais agrários. Talvez os produtores de arroz tenham ficado decepcionados com a adesão de Bolsonaro ao neoliberalismo e sua falha em adotar políticas protecionistas, como fez Trump; ou talvez a instabilidade econômica tenha inclinado o pêndulo de influência no município de volta para uma política mais à esquerda. De qualquer forma, na eleição presidencial de 2022, Bolsonaro perdeu votos em Dom Pedrito, recebendo 8.323 votos no primeiro turno (38,8%) e 9.878 no segundo turno (46,6%), ficando atrás de Lula em ambos.

Conclusão

A eleição de Jair Bolsonaro não se alinha totalmente aos padrões de geografia eleitoral observados em eleições disruptivas semelhantes na Europa e América do Norte. Enquanto a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos e os resultados expressivos para partidos populistas e de extrema-direita na Europa foram associados, pelo menos em parte, ao apoio de áreas rurais "deixadas para trás", Bolsonaro, ao contrário, não conseguiu vencer nas regiões rurais mais pobres do Brasil e atraiu apoio de eleitores urbanos afluentes nas principais metrópoles do país. No entanto, Bolsonaro também venceu em muitas áreas rurais no sul e centro do Brasil, obtendo resultados especialmente fortes em cidades do agronegócio e distritos de fronteira para a expansão da agricultura no cerrado e na floresta amazônica.

Análises geográficas da eleição brasileira de 2018 têm tendido a se concentrar nas dimensões urbanas do voto em Bolsonaro e têm dado menos atenção à relevância dos distritos rurais e dos eleitores rurais na coalizão eleitoral de Bolsonaro. Exceções incluem a identificação de Urdinez (2023) de correlação entre forte apoio a Bolsonaro e altos níveis de investimento chinês em distritos rurais, e o relato detalhado de Pompeia (2024) sobre a construção de alianças entre a campanha de Bolsonaro e grupos militantes de agricultores, formando o que eles chamam de agro-bolsonarismo. As convergências entre as preocupações desses grupos de agricultores (com a queda dos preços, controles sobre a expansão de terras agrícolas e oposição às reivindicações territoriais de comunidades indígenas e movimentos sociais agrários) e a retórica autoritária, nacionalista e antiambiental de Bolsonaro ajudam a explicar o apoio no interior do Centro-Oeste, mas são menos satisfatórias para explicar os votos em Bolsonaro em distritos agrícolas mais consolidados no Sul e Sudeste, como o estudo de caso de Dom Pedrito.

Inspirado pela discussão de Thrift (1986) sobre a eleição geral britânica de 1945, este artigo buscou compreender o apoio a Bolsonaro em Dom Pedrito, examinando as maneiras pelas quais os moradores interpretaram e narraram as mudanças e os desafios socioeconômicos que estavam vivenciando nos meses que antecederam a eleição de 2018. Constatou-se que as condições que permitiram a Bolsonaro garantir uma estreita maioria de votos em Dom Pedrito foram criadas por três conjuntos de circunstâncias.

Primeiro, a história política e econômica do município incluía elementos de socialização que tornavam os cidadãos potencialmente receptivos ao voto em um populista de direita como Bolsonaro, notadamente a centralidade da agricultura na vida local, a recente prosperidade relativa gerada pelo agronegócio, a veneração implícita ao populista autoritário Getúlio Vargas na paisagem urbana de Dom Pedrito e a familiaridade com o voto em um pequeno partido de direita.

Segundo, um crescente senso de crise no setor agrícola local — provocado pela volatilidade dos preços, custos e dívidas crescentes, mudanças nos padrões climáticos e novas regulamentações ambientais — que adicionou urgência à situação e foi cultivado por líderes agrários locais com vínculos com figuras políticas de direita.

Terceiro, um sentimento generalizado de descontentamento com a corrupção política e a percepção de que o governo não estava interessado em ajudar os agricultores, o que levou os eleitores a reavaliar suas alianças políticas e a abraçar a ideia de mudança na liderança.

Ao revelar esses fatores, o estudo de caso demonstra o valor de adicionar uma dimensão qualitativa à pesquisa em geografia eleitoral e estabelece um modelo com potencial de aplicação mais ampla. A onda global de eleições disruptivas que trazem candidatos e partidos populistas e de extrema-direita ao poder representa uma mudança sísmica que desestabiliza a compreensão convencional sobre clivagens e geografias eleitorais. A análise quantitativa tem ajudado a revelar padrões espaciais estruturais no comportamento eleitoral, mas também tem demonstrado limitações, principalmente porque são as pessoas, e não os lugares, que votam.

Conseqüentemente, a geografia eleitoral tem enfrentado dificuldades para demonstrar plenamente como e por que pessoas em um lugar específico apoiam um candidato ou partido disruptivo, além de considerar o papel da cultura local e de identidades sociais, como a ruralidade.

Seguir a abordagem mais qualitativa empregada neste artigo, e recorrer à conceitualização de ação social de Thrift (1986), pode ajudar a preencher essa lacuna, fornecendo *insights* sobre como mudanças e padrões estruturais são traduzidos em comportamento eleitoral. Isso ocorre por meio das formas pelas quais os indivíduos interpretam e narram mudanças e experiências, compartilham essas histórias e constroem perspectivas coletivas, e se associam a políticos cujas narrativas de mudança ressoam com as suas próprias.

Assim, incorporar dimensões qualitativas à geografia eleitoral pode enriquecer a compreensão das dinâmicas eleitorais observadas nos últimos anos e fornecer indicações sobre se as tendências em direção à política populista e de extrema-direita provavelmente se mostrarão duradouras ou não.

Referências

- ANDRADE, D. (2020) Populism from above and below: the path to regression in Brazil. *Journal of Peasant Studies*, n 47(7), p 1470-1496. <https://doi.org/10.1080/03066150.2019.1680542>
- ASHWOOD, L. (2018) *For-Profit Democracy: Why the Government is Losing the Trust of Rural America*. New Haven: Yale University Press.
- BAYARRI TOSCANO, G. (2022) The rhetoric of the Brazilian far-right, built in the streets: The case of Rio de Janeiro. *Australian Journal of Anthropology*, n 33(1), p 18-33. <https://doi.org/10.1111/taja.12421>
- BERLET, C. AND SUNSHINE, S. (2019) Rural rage: the roots of right-wing populism in the United States. *Journal of Peasant Studies*, n 46, p 480-513. <https://doi.org/10.1080/03066150.2019.1572603>
- BORSATTO, R.S., DE CAMARGO MACEDO, A., ANTUNES-JUNIOR, W.F., SOUZA-ESQUERDO, V.F. (2022) Back to the past: Authoritarian populism, disruptive governance and policy dismantling in rural Brazil. In IORIS, A.A.R.; FERNADES, B.M. (eds) *Agriculture, Environment and Development: International Perspectives on Water, Land and Politics*. Second Edition. London: Palgrave Macmillan, p 63-85.
- CRAMER, K. J. (2016) *The Politics of Resentment: Rural Consciousness in Wisconsin and the Rise of Scott Walker*. Chicago: University of Chicago Press.
- DE ALMEIDA, R. (2020) The broken wave: Evangelicals and conservatism in the Brazilian crisis. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, n 10(1), p 32-40. <https://doi.org/10.1086/708704>
- DEEP ASK (2015) Confira do Produto Interno Bruto. Available at: <<http://www.deepask.com/goes?page=Confira~o~Produto~Interno~Bruto~~~PIB~por~tamanho~de~municipio~do~Brasil>> Accessed 23 July 2020.
- ELIAS, D. (2022) Uma radiografia das 'cidades do agronegócio', *Outras Palavras*, 6 June. Available at: <<https://outraspalavras.net/cidadesemtranse/uma-radiografia-das-cidades-do-agronegocio/>> Accessed 22 October 2024.
- ESSLETZBICHLER, J.; DISSLBACHER, F.; MOSER, M. (2018) The victims of neoliberal globalisation and the rise of the populist vote: a comparative analysis of three electoral decisions. *Cambridge Journal of Regions, Economy and Society*, n 11, p 73-94. <https://doi.org/10.1093/cjres/rsx025>
- EXAME (2023) As 100 cidades mais ricas do agronegócio brasileiro em 2023, *Exame*, 11 October. Available at: <<https://exame.com/agro/as-100-cidades-mais-ricas-do-agronegocio-brasileiro-em-2023/>> Accessed 22 October 2024.
- FERES-JUNIOR, J.; CAVASSANA, F.; GAGLIARDI, J. (2023) Is Jair Bolsonaro a classic populist? *Globalizations*, n 20(1), p 60-75. <https://doi.org/10.1080/14747731.2022.2111827>
- GRIGERA, J. (2017) Populism in Latin America: Old and new populisms in Argentina and Brazil. *International Political Science Review*, n 38(3), p 441-455. <https://doi.org/10.1177/0192512117701510>
- HOCHSCHILD, A. R. (2016) *Strangers in Their Own Land: Anger and Mourning on the American Right*. New York: The New Press
- HUNTER, W.; VEGA, D. (2022) Populism and the military: symbiosis and tension in Bolsonaro's Brazil. *Democratization*, n 29(2), p 337-359. <https://doi.org/10.1080/13510347.2021.1956466>
- IORIS, A.R. (2018) Place-making in the frontier of Brazilian agribusiness. *Geojournal*, n 83, p 61-72. <https://doi.org/10.1007/s10708-016-9754-7>
- LAPPER, R. (2021) *Beef, Bible and Bullets: Brazil in the age of Bolsonaro*. Manchester: Manchester University Press.
- LAYTON, M.L.; SMITH, A.E.; MOSELEY, M.W.; COHEN, M.J. (2021) Demographic polarization and the rise of the far right: Brazil's 2018 presidential election. *Research and Politics*, n 8(1). <https://doi.org/10.1177/2053168021990204>
- MAMONOVA, N.; FRANQUESA, J. (2019) Populism, neoliberalism and agrarian movements in Europe: Understanding rural support for right-wing politics and looking for progressive solutions. *Sociologia Ruralis*, n 60, p 710-731 <https://doi.org/10.1111/soru.12291>

- MANDACHE, L. A. (2024) Lula, the people's guy: populism, liberal democracy and voting in Brazil. *Third World Quarterly*, n 45(12), p 1876-1892. <https://doi.org/10.1080/01436597.2024.2391808>
- MEDINA, G.; DOS SANTOS, A.P., (2017) Curbing enthusiasm for Brazilian agribusiness: The use of actor-specific assessments to transform sustainable development on the ground. *Applied Geography*, n 85, p 101-112. <https://doi.org/10.1016/j.apgeog.2017.06.003>
- MENDES-MOTTA, F.; HAUBER, G. (2023) Anti-environmentalism and proto-authoritarian populism in Brazil: Bolsonaro and the defence of global agribusiness. *Environmental Politics*, n 32(4), p 642-662. <https://doi.org/10.1080/09644016.2022.2123993>
- MONNAT, S. M.; BROWN, D. L. (2017) More than a rural revolt: Landscapes of despair and the 2016 Presidential election. *Journal of Rural Studies*, n 55, p 227-236. <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2017.08.010>
- MUDEDE, C.; KALTWASSER, C.R. (eds) (2012) *Populism in Europe and the Americas*. Cambridge: Cambridge University Press.
- OLIVEIRA, G.L.T. (2018) Chinese land grabs in Brazil? Sinophobia and foreign investments in Brazilian soybean agribusiness. *Globalizations*, n 15(1), p 114-133, <https://doi.org/10.1080/14747731.2017.1377374>
- PEQUENO, R.; ELIAS, D. (2015) (Re)estruturação urbana e desigualdades socioespaciais em região e cidade do agronegócio. *GEOgraphia*, n 17(35), p 10-35. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2015.1735.a13727>
- POMPEIA, C. (2024) Agri-bolsonarism: a movement led by agricultural elites and far-right politicians in Brazil. *Journal of Peasant Studies*, early publication online. <https://doi.org/10.1080/03066150.2023.2301440>
- RENNÓ, I.R. (2020) The Bolsonaro voter: issue positions and vote choice in the 2019 Brazilian presidential election. *Latin American Politics and Society*, n 62(4), p 1-23. <https://doi.org/10.1017/lap.2020.13>
- RHODES-PURDY, M.; NAVARRE, R.; UTYCH, S. (2023) *The Age of Discontent: Populism, extremism and conspiracy theories in contemporary democracies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- RICCI, P.; VENTURELLI, G. (2023) Connections between populism and nationalism: Evidence from Jair Bolsonaro's speeches. *Nations and Nationalism*, n 29(3), p 1057-1075. <https://doi.org/10.1111/nana.12949>
- RICCI, P.; IZUMI, M.; MOREIRA, D. (2021) O populismo no Brasil (1985-2019): Un velho conceito a partir de uma nova abordagem. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n 36(107), p 1-22. <https://doi.org/10.1590/3610707/2021>
- RICHMOND, M.A. (2020) Narratives of crisis in the periphery of São Paulo: place and political articulation during Brazil's rightward turn. *Journal of Latin American Studies*, n 52(2), p 241-267. <https://doi.org/10.1017/S0022216X20000012>
- RICHMOND, M. A.; McKENNA, E. (2024) Placing the peripheries within Brazil's rightward turn: Socio-spatial transformation and electoral realignment, 2020-2018. *Environment and Planning C: Politics and Space*, n 42(4), p 509-526. <https://doi.org/10.1177/23996544231177142>
- RODRÍGUEZ-POSE, A. (2018) The revenge of the places that don't matter (and what to do about it). *Cambridge Journal of Regions, Economy and Society*, n 11, p 189-209. <https://doi.org/10.1093/cjres/rsx024>
- SHEA, D.M.; JACOBS, N. (2023) *The Rural Voter: The Politics of Place and the Disuniting of America*. New York: Columbia University Press.
- SILVA, M.G.; DOS SANTOS, P.F.; DA SILVA, L.S. (2022) Do Leme a Santa Cruz: A territorialização eleitoral de Jair Bolsonaro no município do Rio de Janeiro. *Opinio Publica*, n 28(1), p 92-125. <https://doi.org/10.1590/1807-0191202228192>
- TAMAKI, E.R.; FUKS, M. (2020) Populism in Brazil's 2018 general elections: An analysis of Bolsonaro's campaign speeches. *Lua Nova*, n 109, p 103-127. <https://doi.org/10.1590/0102-103127/109>
- TANSCHIET, T. (2023) Jair Bolsonaro and the defining attributes of the populist radical right in Brazil. *Journal of Language and Politics*, n 22(3), p 324-341. <https://doi.org/10.1075/jlp.22133.tan>

- THRIFT, N. (1986) Little games and big stories: accounting for the practices of personality and politics in the 1945 General Election. In HOGGART, K.; KOFMAN, E. (eds) *Politics, Geography and Social Stratification*. London: Croom Helm.
- TRASE (2020) *Transparent Supply Chains for Sustainable Economies*. Available at <<https://trase.earth/>> Accessed 23 July 2020.
- TROJAHN, M. (2020) A Face do Desmprego em Dom Pedrito. Qwerty, 5 March 2020. Available at <<https://www.qwerty.com.br/2020/03/05/a-face-do-desmprego-em-dom-pedrito/>> Accessed 23 July 2020.
- URDINEZ, F. (2023) 'They own our country!' Voter reaction to anti-China rhetoric: the case of the presidential election in Brazil in 2018. *Electoral Studies*, n 86, article 102708. <https://doi.org/10.1016/j.electstud.2023.102708>
- VELTMEYER, H. (2023) Populism, extractivism, and the social transformation of Brazil. *Canadian Journal of Development Studies*, n 44(4), p 594-610. <https://doi.org/10.1080/02255189.2023.2170992>
- WELCH, C.A. (2016) Vargas and the reorganization of rural life in Brazil. *Revista Brasileira de Historia*, n 36(7), p 81-105. https://doi.org/10.1590/1806-93472016v36n71_004
- WOODS, M. (2022) Agribusiness towns, globalization and development in rural Australia and Brazil. In BARCUS, H; JONES, R.; SCHMITZ, S. (eds) *Rural Transformations*. Abingdon: Routledge, p 15-31. <https://doi.org/10.4324/9781003110095-3>
- WUTHNOW, R. (2018) *The Left Behind: Decline and Rage in Rural America*. Princeton: Princeton University Press.
- ZUCCO, C. (2008) The president's 'new' constituency: Lula and the pragmatic vote in Brazil's 2006 presidential election. *Journal of Latin American Studies*, n 40(1), p 29-49. <https://doi.org/10.1017/S0022216X07003628>

Tradução: Daniel Azevedo

Revisão técnica com auxílio de Inteligência Artificial